to dos subprodutos do processo de produção sucro-alcooleiro.

Os níveis de erosão do solo, por exemplo, seriam passíveis de ser corrigidos por simples trabalhos de conservação do solo (terraços, plantio em nível, entre outros).

Quanto à queima, algumas soluções de manejo são utilizadas, como a observância dos horários e a construção de aceiros, entre outros. No entanto, a alternativa viável e definitiva no momento seria a colheita mecânica da cana crua, que surge como uma resposta técnica para o desperdício energético e a poluição ambiental.

Paulatinamente, a colheita mecânica da cana crua começa a ganhar maior importância nas regiões produtoras brasileiras. No entanto, o grau de mecanização ainda fica muito aquém do potencial que o estado de São Paulo, por exemplo, possui, que é de aproximadamente 40% dos 2,15 milhões de hectares cultivados (Cuba possui 80% da sua área mecanizada, enquanto São Paulo não passa dos 5%).

Em adição à vantagem ambiental, vantagens técnicas, como a manutenção da umidade do solo e o controle de plantas daninhas pela cobertura morta, além da diminuição dos gastos com cultivos, combustível e mão-de-obra, contribuem para popularidade técnica entre os canavicultores australianos. Embora as colheitadeiras venham sendo adaptadas às condições brasileiras, tanto de solo quanto de variedades, e a preços competitivos com relação aos similares importados, a decisão de mecanizar a colheita não está somente na aquisição da máquina. É necessária uma infra-estrutura própria para adaptar as usinas e destilarias à mecanização, como a área de recepção da cana, a substituição de carrocerias nos caminhões, além de uma boa oficina mecânica, equipada e com mão-de-obra especializada.

Quem paga?

Embora as externalidades negativas apontadas representem sérios e expressivos impactos ao ambiente, a sua solução depende apenas da adoção de alternativas viáveis, mas que acabam representando aumentos nos custos de produção da cana-de-açúcar e de seus derivados. Inevitavelmente, surge a pergunta: quem paga a conta? De um lado, a sociedade. De outro, o setor sucroalcooleiro.

É inegável o direito que a sociedade tem a um meio ambiente limpo e livre de resíduos. No entanto, o papel que o setor desempenha em termos sociais, econômicos e também ambientais é indiscutível.

Além da fixação do homem na zona rural, contribuindo sem dúvida para a redução dos movimentos migratórios em direção às grandes cidades, o consumo do próprio etanol possui um forte apelo ambiental. Segundo estimativas, 19% do consumo mundial de energia são utilizados para a movimentação de uma frota de 550 mil veículos. Estima-se que, daqui a 20 anos, este valor dobre e passe a representar um adicional de 65% nas emissões de CO_2.

Uma avaliação qualitativa, socioambiental e econômica da produção de cana, açúcar e álcool parece apontar para um balanço extremamente positivo. A resposta à pergunta formulada, portanto, indica que há necessidade da internalização dos custos ambientais por parte do segmento sucroalcooleiro, e dos benefícios ambientais pela sociedade que consome os produtos derivados deste segmento. Esta solução, via mercado, certamente seria a mais eficiente, em vez da simples criação e aplicação de legislações ambientais.

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO

SOJA

Indefinições do plantio norte-americano

A movimentação comercial da safra brasileira prossegue lentamente, pois há uma conjugação dos problemas da economia do país com o grande tamanho da safra e com as características de um mercado "climático" no exterior.

O esperado relatório do USDA, de 31 de março passado, divulgou um número que poderia ter promovido alguma agitação no mercado de soja. Segundo ele, a safra dos EUA cairia, este ano, do fabuloso patamar de 69,5 milhões de toneladas, de 1994/95, para 59,9 milhões de toneladas. Trata-se de um respeitável desfalque de quase 10 milhões de toneladas. Ponderou-se, contudo, no mercado, que

Mais um recorde na produção brasileira

Brasil — produção de soja — 1993/94 e 1994/95

UF	Área colhida (ha)		Produção (t)	
	1993/94	1994/95	1993/94	1994/95
Rio Grande do Sul	3.185.058	3.012.045	5.442.728	5.740.137
Mato Grosso	2.022.956	2.280.360	5.319.793	5.685.479
Paraná	2.154.077	2.105.000	5.332.893	5.262.500
Mato Grosso do Sul	1.101.691	1.037.829	2.392.506	2.283.224
Goiás	1.110.543	1.125.014	2.309.979	2.250.028
Minas Gerais	591.491	601.315	1.268.915	1.199.666
Bahia	434.036	470.575	873.384	1.072.911
São Paulo	553.900	539.900	1.230.900	1.039.847
Santa Catarina	217.266	211.000	433.345	430.000
Maranhão	62.896	87.030	140.637	194.859
Distrito Federal	49.401	43.821	106.706	92.462
Tocantins	31.110	18.540	59.559	36.345
Brasil	11.514.425	11.532.277	24.911.345	25.287.458

Fonte: IBGE.

A estimativa do preço médio aumentou

EUA — produção de soja — 1993/94 a 1995/96

	1993/94	1994/95	1995-96[1]	
			Maio	Junho
Área plantada [2]	60,1	61,9	61,5	62,8
Área colhida	57,4	61,1	60,3	61,5
Rendimento físico [3]	32,6	41,9	36,5	36
Produção [4]	1.871	2.558	2.200	2.210
Estoque inicial	292	209	425	410
Importação	6	8	5	5
Esmagamento	1.276	1.385	1.375	1.375
Exportação	589	810	760	775
Sementes	68	70	66	66
Residual	28	100	50	54
Consumo total	209	410	380	355
Preço médio (US$/bu)	6,4	5,45	5,10-6,10	5,25-6,25

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA.

[1] Projeções.

[2] Em milhões de acres.

[3] Em bushels/acre.

[4] A partir dos dados sobre produção, todos os demais são em milhões de bushels (1 bushel = 27,22kg).

se tratava tão-somente de um "ensaio" de avaliação das intenções de plantio naquele país, tendo sido empregada, no que se refere à produtividade física das lavouras, a média registrada entre 1974 e 1994. É claro que também pesou sobre a pequena repercussão do relatório a certeza de que a América do Sul colheria uma grande safra.

No Brasil, a alta externa foi filtrada pela oferta elevada e pelos impasses da comercialização, numa conjuntura de juros elevados, moeda sobrevalorizada e difícil negociação das dívidas junto aos bancos.

Embora o USDA ainda não tivesse estimado a situação mundial do complexo da soja, a recente caracterização desse mercado como mercado "climático" (influenciado por notícias concernentes ao comportamento do clima), devido às chuvas no Meio-Oeste norte-americano faz com que estejam repercutindo mais intensamente os números relativos aos EUA.

Em 11 de maio, por exemplo, foi dada a público a primeira estimativa do balanço de oferta e demanda, que apontava para um menor consumo norte-americano e, também, para menores estoques do grão em 1995/96, denotando que a demanda das indústrias esmagadoras permanecerá forte.

O grande atraso no plantio da região do Mississippi, motivado por inundações nos estados de Missouri, Iowa e Illinois, tem provocado especulações ainda sem fundamento, pois não se pode afirmar o quanto a soja será afetada. O cultivo da leguminosa pode ser feito sem dificuldades até o fim de junho. Aliás, o milho foi afetado primeiro e, até maio, achava-se que haveria desistência do plantio do cereal, com opção para a soja, o que contribuía para pressionar negativamente suas cotações. Em meados de junho, porém, a situação tinha mudado, passando-se a acreditar que talvez não houvesse sequer tempo para semear a oleaginosa. Este raciocínio passou a influir, então, na recuperação dos preços da soja.

No Brasil, a alta externa foi filtrada pela oferta elevada e pelos impasses da comercialização, numa conjuntura de juros elevados, moeda sobrevalorizada e difícil negociação das dívidas dos produtores rurais junto aos bancos. Com isto, os preços vieram caindo desde março. Apenas no final de maio, a elevação das cotações em Chicago veio auxiliar os preços internos.

No seu mais novo relatório, de 12 de junho, o Departamento de Agricultura aumentou ligeiramente (em 300 mil toneladas) sua estimativa da produção norte-americana de oleaginosas, que ficou em 71,6 milhões de toneladas. A produção de soja figura agora com o cálculo de 60,2 milhões de toneladas, pois a reavaliação foi feita exatamente no seu caso. O rendimento físico médio dos plantios mais recentes, contudo, deverá ser um pouco menor.

As exportações norte-americanas do grão e do farelo têm agora perspectivas melhores, para 1994/95 e 1995/96, pois o balanço de oferta e demanda de forrageiras ficou mais apertado. Isto tenderá a beneficiar mais o preço dos cereais em relação ao das oleaginosas, o que estimulará o uso de forragens não constituídas por cereais, particularmente na União Européia — fato que incentivará os países sul-americanos a plantarem menos oleaginosas na primavera de 1995.

Os estoques norte-americanos do grão e do farelo foram reduzidos, nas estimativas de 1994/95 e 1995/96. Estes últimos foram diminuídos em 25 milhões de *bushels*, ficando em 355 milhões de *bushels* (cada *bushel* é igual a 27,22kg). Os preços médios da soja nesta safra foram aumentados em US$0,15, ficando entre US$5,25/bu e US$6,25/bu. Em 1994/95, o preço médio foi de US$5,45/bu. No que se refere ao farelo, a estimativa agora coloca seu preço médio entre US$160/US$185 por tonelada curta. Os preços do óleo não tiveram alteração.

O grande atraso no plantio da região do Mississippi, motivado por inundações, tem provocado especulações ainda sem fundamento, pois não se pode afirmar o quanto a soja será afetada.

Esta situação ajuda a manter a morosidade das operações de comercialização no mercado interno. A paralisação decidida pelos associados da Fecotrigo, em 8 de maio, também contribuiu para isso, embora a lentidão daí decorrente (verificada igualmente no Paraná) não tenha prejudicado o movimento das indústrias, que estavam estocadas. Até o início de junho, fontes do mercado acreditavam que os sojicultores ainda não tinham vendido cerca de metade da safra. Aliás, este período tem-se caracterizado por problemas diversos, já expressos, há meses, na escassa realização de vendas antecipadas.

A falta de liquidez reinante no campo também afetou o plantio das lavouras de inverno e deixa poucas opções para os agricultores, podendo vir a ratificar a previsão do USDA, de menor plantio em 1995/96. Supondo a manutenção da política de juros altos do governo federal, permanecem como alternativas a possível contratação adiantada do câmbio (ACC) e a tentativa de obter financiamento externo. As escolhas associadas ao mercado financeiro interno, porém, continuam perigosas.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA